

8 UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO

*Maria Socorro Silva*²⁰

Quando iniciei o trabalho com jovens e adultos, já nos conhecíamos, pois no semestre anterior havia estagiado na sala do EJA II (Educação de Jovens e Adultos), onde a maioria dos alunos de minha turma estudava. O grupo de 22 alunos foi selecionado mediante um teste de nível de leitura e escrita. A maioria estava no nível pré-silábico e outros no nível silábico. Trabalhei um mês, aproximadamente, quando o grupo, após um trabalho cuidadoso aceitou se dividir em dois para formar uma nova turma, a fim de atender a um outro alfabetizador que estava sem turma e também para viabilizar melhor o trabalho. Em um grupo menor seria mais proveitoso.

Depois desse episódio, o grupo se consolidou como um grupo amigo, assíduo, confiante e determinado. Mesmo as pessoas que apresentaram, desde o início, dificuldades em avançar no processo de leitura e escrita, se mostraram empenhadas em participar. Finalmente, a turma contou com 12 pessoas que freqüentaram sempre às aulas. Por duas vezes quando membros se ausentaram por motivo de doença, o grupo enviou bilhetes, visitou os colegas; celebrou os aniversários. Enfim foi um grupo muito amigo. Uma dificuldade, que desde o início foi contornada, diz respeito a duas alunas com problemas de aprendizagem. A primeira não conseguia avançar, por mais que se tentasse, aprendeu a escrever o nome, mas não admitia ter dificuldades e, às vezes, apresentava atitudes agressivas com os colegas, se fechava. A segunda, não se concentrava, entrava e saía, interrompia e dificultava um pouco o trabalho. Os colegas, porém, a compreenderam e colaboraram na questão. Apesar desses dois casos, o grupo foi muito legal. Havia muita ajuda

²⁰ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará.

mútua, por vezes, até demais. Quando se ia fazer um ditado, por exemplo, uns “sopravam” para os outros. Era muito interessante. Eles queriam mostrar que sabiam.

Durante o processo, foram utilizados diversos portadores de textos e gêneros literários, já que os alfabetizandos, na vida cotidiana, hão de se deparar com essa diversidade de textos, então quanto maior o leque de informações, compreensão de uso e função social da escrita, mais opções o educando terá para encaminhar o seu processo de escolarização, de inserção na sociedade letrada (DIAS, 2001).

As atividades de leitura e escrita foram encaminhadas conjuntamente, ou seja, a atividade escrita partia sempre de um contexto, texto lido e debatido, resultado de uma discussão, texto escrito no quadro (resumo de um tema debatido), leituras de palavras-chave, frases elaboradas pelos alunos, pesquisas em jornais e revistas, atividades que proporcionam leitura, enquanto busca de informação solicitada, escrita e discussão sobre a grafia das palavras. Ditados com fichas, leitura e correção coletiva, dentre outros.

O texto musicado foi um dos primeiros a ser trabalhado. Os alfabetizandos gostavam imensamente de temas relacionados à amizade, paixão, amor. Por isso, o envolvimento era completo. Adoravam cantar e após a cantação do texto e discussão do tema, o grupo era subdividido por níveis ou não, de acordo com as atividades propostas que variavam entre: circular palavras conhecidas e com elas escrever frases, dar a opinião sobre o texto (por escrito), lembrar outra música que tratasse do mesmo tema e relacioná-los; grifar as palavras que comesçassem com a mesma letra do nome, escrever as palavras e os nomes com letras móveis. Após esse momento em pequenos grupos, o trabalho era socializado para enriquecimento do grande grupo, através de comentários, acréscimos dos colegas ou da professora. O objetivo de trabalhar inicialmente com o texto musicado (textos conhecidos de cor

pelos alunos), consistia em deixá-los mais à vontade, durante a leitura e a discussão por já conhecerem auditivamente o texto. Alguns simulavam ler e sorriam contentes. Isso demonstrava o quanto eles queriam e estavam empenhados em aprender a ler.

O gênero narrativo foi bastante explorado. Objetivando encorajá-los à leitura, histórias de Ruth Rocha, da coleção Lua de Papel; de Rubem Alves, contos populares foram lidos “gratuitamente”, sem cobrança de exercício. Os alunos eram incentivados ao empréstimo de livros na biblioteca. As histórias da coleção Lua de Papel – predominantemente fábulas – eram as preferidas para levar para casa porque as histórias eram curtas e a letra grande, além das ilustrações muito atraentes. Durante a leitura, eles riam muito, pareciam crianças. No início, eu via isso com um certo estranhamento, nunca tinha visto reação semelhante, em face da leitura. De fato, é impressionante como coisas tão simples podem ganhar tanto significado para as pessoas que estão descobrindo os encantos do mundo letrado. Quando um aluno faltava cobrava o texto trabalhado na aula anterior e pedia aos colegas que o ajudassem a ler, contar o que era, o que havia sido feito e lamentava: “ô, professora”!

Os temas trabalhados partiam sempre das interpelações do grupo ou do momento sociopolítico. Quando saiu o aumento do salário mínimo, por exemplo, esse tema foi debatido e trabalhado em conjunto com a lista de compras. O que é possível comprar com um salário mínimo? A qualidade de vida, os direitos do trabalhador foram revisados.

Com o gênero fábulas trabalhamos o relacionamento humano, valores, como: honestidade, justiça, solidariedade, perseverança, autoconfiança, respeito por si e pelo outro, foram uma constante em duas semanas. Os alunos não conheciam esse gênero literário e riam muito durante a leitura. Um que já lia tudo e compreendia, logo que recebeu o texto *O Sapo e o Boi*, exclamou como se estivesse dialo-

gando com alguém: “Olhe aí, cara! Arre! Caramba! Se ferrou!” E ria de tal modo que se balançava na cadeira. A leitura da fábula pela professora foi acompanhada de muitas expressões: “invejoso!” “Quebrou a cara!” “Bem-feito, quem manda ser invejoso!” “È isso que dá se achar o máximo.” “Se tivesse prestado atenção nos amigos... Pagou com a própria vida!” “Eu também tenho vizinho invejoso!” “Ah! Eu tenho um monte!” “Viche, como tu é gostosa!” risos, gargalhadas. Era maravilhosa a curtição, a expressão de alegria pela descoberta, algo assim fantástico, que não dá para descrever por inteiro. Encerramos esse gênero literário com uma produção de fábulas em dois momentos, a saber: primeiro, produção coletiva, tendo a professora como escriba e, em um segundo momento, a produção individual. Eis a produção textual, em sua grafia original, de uma aluna que a escreveu a partir da fábula *O Sapo e o Boi*:

O Beija-flor

Beber água na beradorio la avia muito.

Animal para beber taben tina boi sapo

Sabear pato coruja – e garça

Então, para espanto de todosopaaasaro e animal.

O Sapo estufou a barriga e todos ficar rido

mais qi barriga.

Embora não contemple todas as características do gênero, a simplicidade e a tentativa de escrever é muito interessante. A autora desse texto, por exemplo, ria muito cada vez que lia o seu texto e dizia: “Não está lindo, professora!”

O tema cidadania foi abordado do começo ao fim do processo, como se fosse o seu eixo condutor. Como diz Paulo Freire, antes de tudo, a alfabetização “[...] deve ser uma contribuição fundamental ao esclarecimento dos níveis de consciência do povo.” (FREIRE, 1978, p. 97). E mais, quase que radicalizando essa função primordial da alfabetização de jovens e adultos, “[...] não aprender a ler e a escrever

não é um desastre – há outras vitórias: reescrever a realidade é também a função dos círculos de cultura.” (FREIRE, 1978, p. 78). De fato, três alunas não conseguiram avançar na leitura e na escrita, apresentando dificuldades de aprendizagem: uma de 65 anos, que estava há muitos anos na escola e outra, que estava há um ano e meio, não conseguiam aprender, mas se esforçavam, reconheciam as letras, juntavam as sílabas e liam, mas, pronunciando palavras que já conheciam de memória. A terceira apresentava muita dificuldade de concentração, estava sempre inquieta e irritada. Ela reconhecia algumas letras do alfabeto e aprendeu a desenhar o nome, que era um dos grandes desejos de sua vida: saber assinar os documentos para não precisar colocar o dedo na tinta, pois sentia vergonha. Durante os debates, o desempenho da primeira aluna, era, consideravelmente, melhor.

Os subtemas relacionados à cidadania, tais como: trabalho, transporte, educação, moradia, lazer, tiveram como subsídios textos de jornais. A metodologia variava de acordo com os objetivos da proposta. Se, por exemplo, o objetivo fosse avaliar o nível de compreensão de leitura, o grupo subdividia-se em três e cada um recebia uma notícia diferente, sobre o mesmo tema, devendo, num segundo momento, dar conta da informação aos demais e emitir opinião sobre o tema, dando margem para a discussão geral sobre o assunto. A atividade poderia constar de escrita de frases ou textos de acordo com os níveis, que, em alguns momentos, eram anotados no quadro para leitura e correção coletiva. Desse modo, o nível de debate ia se aprimorando pelo nível de consciência política, o senso de direito e dever que iam sendo explorados levando alguns alunos (trabalhadores domésticos), a questionar a forma como eram tratados por seus patrões. Enfim,

(...) a reflexão sobre as diversas faces das condutas humanas deve fazer parte dos objetivos maiores da escola comprometida com a formação para a cidadania. (BRASIL, PCNs, 1987, p. 32).

Porque “[...] nunca foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos.” (FREIRE, 1996, p.106).

Os textos como, listas de compras, receitas, classificados, foram trabalhados objetivando atender essa demanda social. Os alunos apreciaram muito o trabalho com esse tipo de texto porque reconheceram de imediato sua função social. Com as receitas, por exemplo, as alfabetizadas vibraram porque poderiam testá-las no final de semana. Uma aluna exclamou: “Que legal, domingo vou fazer essa receita!”

As atividades desenvolvidas com esses tipos de texto foram diversificadas. Com os rótulos fez-se ditados e depois eles conferiram a escrita no próprio rótulo, sem alterar o que haviam escrito (anotando ao lado), para depois discutir com um colega suas hipóteses. O fato de o próprio aluno corrigir seu texto provocava uma situação totalmente inusitada. Eles ficavam excitados. Riam de si mesmos e ainda mostravam aos colegas, conferiam não só no modelo proposto, mas queriam saber como estava o dos colegas, contavam os acertos, por iniciativa própria, atribuíam nota. Enfim, a oportunidade de avaliar a própria escrita lhes dava segurança pela ausência de censura e os encorajava a continuar tentando.

O gênero poesia foi utilizado diversas vezes de acordo com as temáticas. Quando abordado o trabalho doméstico, a poesia *Irene no Céu*, de Manoel Bandeira, foi utilizada para encerrar o tema. O grupo gostou muito porque é de fácil compreensão. Trabalhamos não a poesia como poesia, na maioria das vezes, mas como subsídio para os debates. Quando tratamos o problema da seca, êxodo rural e favelamento nas grandes cidades, o texto que provocou essa discussão foi uma poesia intitulada: *Chove Chuva*, de Ascenço Ferreira, poeta pernambucano. O conteúdo de alfabetização, propriamente dito, nesse texto, foi a revisão ortográfica do ch, lh e nh. Como dito no início deste artigo,

toda a atividade de escrita partia sempre de um contexto, inclusive, os problemas ortográficos.

Considerando o nível da turma no início e no final, o salto qualitativo é consideravelmente bom. Um dos problemas superados por todos foi o medo de escrever. Havia alunos bloqueados, diziam-se incapazes. Uma aluna que não lia nada, agora lê tudo. Chegava mesmo a complicar um pouco porque não esperava que os outros descobrissem, vencessem os desafios propostos. Quando eles estavam tentando, ela se adiantava, lia e ficava rindo feliz da vida, parecia criança sapeca. Então, de bons copistas, desenhistas de letras, a maioria passou a criar frases ou textos. Apenas três alunas ainda encontram-se no estágio inicial: duas na fase silábica e uma na fase pré-silábica. Duas lêem palavras que já conhecem de memória e a outra que não escrevia de forma alguma já consegue escrever no nível pré-silábico. A princípio, esta conquista parece pequena, mas esta aluna não conseguia outra coisa a não ser copiar, desenhar letras. Este avanço significa que ela adquiriu confiança, perdeu o medo de mostrar que não sabe, o que abre a possibilidade de vir a saber, caso encontre-se em condições favoráveis. É uma pena que ela só tenha desabrochado há pouco menos de um mês do término do projeto. O que se pode fazer, efetivamente, por elas é muito pouco, em função do tempo.

Com frequência eu dizia “A gente aprende a ler lendo, aprende a escrever, escrevendo.” Quase todos os dias essa sentença era lembrada. Eles foram se encorajando e podemos constatar este progresso no caso de uma aluna que no início não escrevia, era uma excelente copista e agora já escreve texto:

O trabalhador tem um direito de uma uma vida melho
comeda láz sinema repuso conculta para seus filhos.
Passeio com sua mulhe na cidades o trabalhdor tem
direito de sé repetado é diretito *valis transport* Cesta básica
as feiras A Carteira a Sinadar.

Caso semelhante vimos em um outro aluno muito bom e interessado. Quando estávamos discutindo sobre o trabalho doméstico usamos, como já foi dito, a poesia “Irene no Céu”, de Manoel Bandeira, cujo texto trazia a palavra humor. Esse aluno ficou intrigado com a letra “h”, como se pronunciava e, apesar das pistas que eram oferecidas, descobri que ele sentia dificuldade a ponto de suplicar: “Diga logo professora, que eu já estou ficando suado.” Então, este aluno já está escrevendo assim:

todo trabalhador tem dereito em seu salaiu mimo
tem em sua cesta bazi tem
Ô céu vale de trans porte –
em sua fougá tem de reito dos pa tran a a senar a cartera
todo trabalho tem de reito em sua feira tem de reito
sialimentar.

Um fato interessante que confirma que decifrar o código não garante compreensão de mundo, nem estado de letramento foi o estranhamento de uma aluna que ao término de uma leitura chamou a atenção da professora, dizendo:

Professora, está acontecendo uma coisa muito esquisita comigo. Eu leio o texto todinho, mas no fim não sei o que li, não entendi nada, e aí?

Esse episódio despertou-me, deveras, para a necessidade de ler mais e discutir a idéia original do autor ou o propósito de textos de naturezas diversas. Por exemplo, leituras críticas de quadrinhos publicados no jornal *O Povo*, em pequenos grupos, objetivando desenvolver essa capacidade, geraram uma boa discussão sobre a idéia que estava por trás daquele texto/imagem. Os debates foram calorosos até chegarem a um consenso. A cada desafio vencido era acrescentado um novo, enquanto eles estavam empolgados. Eles gostaram muito dessa atividade, porque se divertiam muito quando entendiam a piada.

O papel da professora, como deve ser, nessa perspectiva socioconstrutivista, consistia em proporcionar aos educandos oportunidades de reflexão, de releitura do contexto sociológico, de reelaboração do código escrito, de compreensão das funções sociais da leitura e da escrita, mediado sempre, pela experiência de mundo, tanto da professora como dos alunos em vista de uma interação maior entre prática pedagógica e experiência cotidiana, tornando, desse modo, a experiência de aprendizagem significativa e atraente para os alunos. Os 12 alunos são trabalhadores domésticos e a maioria reside na casa de seus patrões, fator que eleva o nível de exploração por não se definir o horário de trabalho. Eles estavam sempre muito cansados. O segundo tempo de aula tinha que ser muito bem planejado, com atividades que envolvessem o grupo todo para evitar sonolências, saídas para banheiro ou bebedouro, porque eles se queixavam muito do excesso de trabalho e já chegavam dizendo que só estavam ali porque queriam realmente aprender a ler e a escrever. Então, corresponder a essa expectativa deles, garantindo o máximo, no que dependesse de mim, se constituiu em um imperativo ético, já que, no início do projeto, nosso combinado foi exatamente este: que todos iriam sair lendo e escrevendo e iríamos conquistar esse objetivo juntos. Entretanto, há situações que fogem ao controle humano. O caso das três alunas mencionadas anteriormente é uma delas. De fato, ainda não foi possível para elas o domínio da leitura e da escrita. Contudo, a maioria dos alunos está muito satisfeita e as professoras de suas salas também com os avanços e conquistas efetivadas ao longo do processo.

Esse papel de motivador, como não poderia deixar de ser, é inerente ao alfabetizador de jovens e adultos. Frequentemente, eles se desmotivam, as recaídas são constantes. Sobretudo, se o professor tenta avançar, cobrar um pouco mais. Os conteúdos de alfabetização (ortografia/fonética/semântica) precisam ser trabalhados de tal forma que eles

possam ir agregando as conquistas sem se sentirem incapazes, ou seja, os desafios precisam ser possíveis, estarem de acordo com o nível cognitivo dos alunos. (VIGOTSKY, 1998). Logo no início, propus uma atividade apresentando até três dificuldades ortográficas e na correção fui dando outras informações sobre a grafia das palavras, por exemplo, cem com “C” e sem com “S”, de acordo com o que estava presente na atividade. Uma aluna ficou nervosa e disse que não tinha condições de assimilar, eram informações demais, não cabiam todas na sua cabeça. Enfim, o papel do professor alfabetizador supera as barreiras convencionais da relação educador-educando. Há de ser uma relação de amizade, de busca comum para superação dos desafios, de aprendizagens mútuas, de encorajamento, de conquista diária, porque não basta formar um grupo, é preciso mantê-lo interessado e isto tem um lema: compromisso e seriedade.

Esta experiência foi muito enriquecedora para mim. Como, anteriormente, não tinha experiência com alfabetização, concluir um curso superior em Pedagogia sem essa experiência seria deixar uma enorme lacuna em minha formação de pedagoga. Não quero dizer com isso que fiz e apreendi tudo o que era possível durante o processo. Com certeza, há muitas falhas, mas registro que me sinto gratificada com as conquistas dos educandos e com tudo o que aprendi e vivenciei durante o período de formação intensiva e, sobretudo, na prática cotidiana com os alfabetizandos.